

## SEXTA-FEIRA SANTA: PAIXÃO DO SENHOR

### CIC 602-618, 1992: a Paixão de Cristo

- 602** Consequentemente, Pedro pôde formular assim a fé apostólica no plano divino da salvação: «fostes resgatados da vã maneira de viver herdada dos vossos pais, pelo sangue precioso de Cristo, como de um cordeiro sem defeito nem mancha, predestinado antes da criação do mundo e manifestado nos últimos tempos por nossa causa» (1 Pe 1, 18-20). Os pecados dos homens, que se seguiram ao pecado original, foram castigados com a morte<sup>1</sup>. Enviando o seu próprio Filho na condição de escravo<sup>2</sup>, que era a de uma humanidade decaída e votada à morte por causa do pecado<sup>3</sup>, «a Cristo, que não conhecera o pecado, Deus fê-lo pecado por amor de nós, para que, em Cristo, nos tornássemos justos aos olhos de Deus» (2 Cor 5, 21).
- 603** Jesus não conheceu a reprovação como se tivesse pecado pessoalmente<sup>4</sup>. Mas, no amor redentor que constantemente O unia ao Pai<sup>5</sup>, assumiu-nos no afastamento do nosso pecado em relação a Deus a ponto de, na cruz, poder dizer em nosso nome: «Meu Deus, meu Deus, por que Me abandonaste?» (Mc 15, 34)<sup>6</sup>. Tendo-O feito solidário connosco, pecadores, «Deus não poupou o seu próprio Filho, mas entregou-O para morrer por nós todos» (Rm 8, 32), para que fôssemos «reconciliados com Ele pela morte do seu Filho» (Rm 5, 10).
- 604** Entregando o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta que o seu plano sobre nós é um desígnio de amor benevolente, independente de qualquer mérito da nossa parte: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Deus que nos amou a nós e enviou o seu Filho como vítima de propiciação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10)<sup>7</sup>. «Deus prova assim o seu amor para connosco: Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores» (Rm 5, 8).
- 605** Este amor é sem exclusão. Jesus lembrou-o ao terminar a parábola da ovelha perdida: «Assim, não é da vontade do meu Pai, que está nos céus, que se perca um só destes pequeninos» (Mt 18, 14). E afirma «dar a Sua vida em resgate *pela multidão*» (Mt 20, 28). Esta última expressão não é restritiva: simplesmente contrapõe o conjunto da humanidade à pessoa única do redentor, que Se entrega para a salvar<sup>8</sup>. No seguimento dos Apóstolos<sup>9</sup>, a Igreja ensina que Cristo morreu

<sup>1</sup> Cf. Rm 5, 12; 1 Cor 15, 56.

<sup>2</sup> Cf. Fl 2, 7.

<sup>3</sup> Cf. Rm 8, 3.

<sup>4</sup> Cf. Jo 8, 46.

<sup>5</sup> Cf. Jo 8, 29.

<sup>6</sup> Cf. Sl 22, 1.

<sup>7</sup> Cf. 1 Jo 4, 19.

<sup>8</sup> Cf. Rm 5, 18-19.

<sup>9</sup> Cf. 2 Cor 5, 15; 1 Jo 2, 2.

por todos os homens, sem exceção: «Não há, não houve, nem haverá nenhum homem pelo qual Cristo não tenha sofrido»<sup>10</sup>.

- 606** O Filho de Deus, «descido do céu, não para fazer a sua vontade mas a do seu Pai, que O enviou»<sup>11</sup>, «diz, ao entrar no mundo: [...] Eis-me aqui, [...] ó Deus, para fazer a tua vontade. [...] E em virtude dessa mesma vontade, é que nós fomos santificados, pela oferenda do corpo de Jesus Cristo, feita de uma vez para sempre» (*Heb* 10, 5-10). Desde o primeiro instante da sua Encarnação, o Filho faz seu o plano divino de salvação, no desempenho da sua missão redentora: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou e realizar a sua obra» (*Jo* 4, 34). O sacrifício de Jesus «pelos pecados do mundo inteiro» (*1 Jo* 2, 2) é a expressão da sua comunhão amorosa com o Pai: «O Pai ama-Me, porque Eu dou a minha vida» (*Jo* 10, 17). «O mundo tem de saber que amo o Pai e procedo como o Pai Me ordenou» (*Jo* 14, 31).
- 607** Este desejo de fazer seu o plano do amor de redenção do seu Pai, anima toda a vida de Jesus<sup>12</sup>. A sua paixão redentora é a razão de ser da Encarnação: «Pai, salva-Me desta hora! Mas por causa disto, é que Eu cheguei a esta hora» (*Jo* 12, 27). «O cálice que o Pai Me deu, não havia de bebê-lo?» (*Jo* 18, 11). E ainda na cruz, antes de «tudo estar consumado» (*Jo* 19, 30), diz: «Tenho sede» (*Jo* 19, 28).
- 608** Depois de ter aceitado dar-Lhe o baptismo como aos pecadores<sup>13</sup>, João Baptista viu e mostrou em Jesus o «Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo»<sup>14</sup>. Manifestou deste modo que Jesus é, ao mesmo tempo, o Servo sofredor, que Se deixa levar ao matadouro sem abrir a boca<sup>15</sup>, carregando os pecados das multidões<sup>16</sup>, e o cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel na primeira Páscoa<sup>17</sup>. Toda a vida de Cristo manifesta a sua missão: «servir e dar a vida como resgate pela multidão»<sup>18</sup>.
- 609** Ao partilhar, no seu coração humano, o amor do Pai para com os homens, Jesus «amou-os até ao fim» (*Jo* 13, 1), «pois não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama» (*Jo* 15, 13). Assim, no sofrimento e na morte, a sua humanidade tornou-se instrumento livre e perfeito do seu amor divino, que quer a salvação dos homens<sup>19</sup>. Com efeito, Ele aceitou livremente a sua paixão e morte por amor do Pai e dos homens a quem o Pai quer salvar: «Ninguém Me tira a vida. Sou Eu que a dou espontaneamente» (*Jo* 10, 18). Daí, a liberdade soberana do Filho de Deus, quando Ele próprio vai ao encontro da morte<sup>20</sup>.

<sup>10</sup> CONCÍLIO DE QUIERCY (ano 853), *De libero arbitrio hominis et de praedestinatione*, canon 4: DS 624.

<sup>11</sup> Cf. *Jo* 6, 38.

<sup>12</sup> Cf. *Lc* 12, 50; 22, 15; *Mt* 16, 21-23.

<sup>13</sup> Cf. *Lc* 3, 21; *Mt* 3, 14-15.

<sup>14</sup> Cf. *Jo* 1, 29.36.

<sup>15</sup> Cf. *Is* 53, 7; *Jr* 11, 19.

<sup>16</sup> Cf. *Is* 53, 12.

<sup>17</sup> Cf. *Ex* 12, 3-14; *Jo* 19, 36; *1 Cor* 5, 7.

<sup>18</sup> Cf. *Mc* 10, 45.

<sup>19</sup> Cf. *Heb* 2, 10.17-18; 4, 15; 5, 7-9.

<sup>20</sup> Cf. *Jo* 18, 4-6; *Mt* 26, 53.

- 610** Jesus exprimiu de modo supremo a oblação livre de Si mesmo na refeição que tomou com os doze Apóstolos<sup>21</sup>, na «noite em que foi entregue» (*1 Cor 11, 23*). Na véspera da sua paixão, quando ainda era livre, Jesus fez desta última Ceia com os Apóstolos o memorial da sua oblação voluntária ao Pai<sup>22</sup> para a salvação dos homens: «Isto é o meu Corpo, que vai ser *entregue* por vós» (*Lc 22, 19*). «Isto é o meu “Sangue da Aliança”, que *vai ser derramado* por uma multidão, para remissão dos pecados» (*Mt 26, 28*).
- 611** A Eucaristia, que neste momento instituiu, será o «memorial»<sup>23</sup> do seu sacrifício. Jesus incluiu os Apóstolos na sua própria oferenda e pediu-lhes que a perpetuassem<sup>24</sup>. Desse modo, instituiu os Apóstolos como sacerdotes da Nova Aliança: «Eu consagro-me por eles, para que também eles sejam consagrados na verdade» (*Jo 17, 19*)<sup>25</sup>.
- 612** O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-Se a Si mesmo<sup>26</sup>, é aceite seguidamente por Jesus, das mãos do Pai, na agonia no Getsémani<sup>27</sup>, fazendo-Se «obediente até à morte» (*Fl 2, 8*)<sup>28</sup>. Na sua oração, Jesus diz: «Meu Pai, se é possível, que se afaste de Mim este cálice [...]» (*Mt 26, 39*). Exprime desse modo o horror que a morte representa para a sua natureza humana. Com efeito, esta, como a nossa, está destinada à vida eterna. Mas, diferentemente da nossa, é perfeitamente isenta do pecado<sup>29</sup> que causa a morte<sup>30</sup>. E, sobretudo, é assumida pela pessoa divina do «Príncipe da Vida»<sup>31</sup>, do «Vivente»<sup>32</sup>. Aceitando, com a sua vontade humana, que se faça a vontade do Pai<sup>33</sup>, aceita a sua morte enquanto redentora, para «suportar os nossos pecados no seu corpo, no madeiro da cruz» (*1 Pe 2, 24*).
- 613** A morte de Cristo é, ao mesmo tempo, o *sacrifício pascal* que realiza a redenção definitiva dos homens<sup>34</sup> por meio do «Cordeiro que tira o pecado do mundo»<sup>35</sup>, e o *sacrifício da Nova Aliança*<sup>36</sup> que restabelece a comunhão entre o homem e Deus<sup>37</sup>, reconciliando-o com Ele pelo «sangue derramado pela multidão, para a remissão dos pecados»<sup>38</sup>.
- 614** Este sacrifício de Cristo é único, leva à perfeição e ultrapassa todos os sacrifícios<sup>39</sup>. Antes de mais, é um dom do próprio Deus Pai: é o Pai que entrega

<sup>21</sup> Cf. *Mt 26, 20*.

<sup>22</sup> Cf. *1 Cor 5, 7*.

<sup>23</sup> Cf. *1 Cor 11, 25*.

<sup>24</sup> Cf. *Lc 22, 19*.

<sup>25</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 22<sup>a</sup>, *Doctrina de sanctissimo Missae Sacrificio*, canon 2: DS 1752; Sess. 23<sup>a</sup>, *Doctrina de sacramento Ordinis*, c. 1: DS 1764.

<sup>26</sup> Cf. *Lc 22, 20*.

<sup>27</sup> Cf. *Mt 26, 42*.

<sup>28</sup> Cf. *Heb 5, 7-8*.

<sup>29</sup> Cf. *Heb 4, 15*.

<sup>30</sup> Cf. *Rm 5, 12*.

<sup>31</sup> Cf. *Act 3, 15*.

<sup>32</sup> Cf. *Ap 1, 18; Jo 1, 4; 5, 26*.

<sup>33</sup> Cf. *Mt 26, 42*.

<sup>34</sup> Cf. *1 Cor 5, 7; Jo 8, 34-36*.

<sup>35</sup> Cf. *Jo 1, 29; 1 Pe 1, 19*.

<sup>36</sup> Cf. *1 Cor 11, 25*.

<sup>37</sup> Cf. *Ex 24, 8*.

<sup>38</sup> Cf. *Mt 26, 28; Lv 16, 15-16*.

<sup>39</sup> Cf. *Heb 10, 10*.

o seu Filho para nos reconciliar consigo<sup>40</sup>. Ao mesmo tempo, é oblação do Filho de Deus feito homem, que livremente e por amor<sup>41</sup> oferece a sua vida<sup>42</sup> ao Pai pelo Espírito Santo<sup>43</sup> para reparar a nossa desobediência.

- 615** «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» (*Rm* 5, 19). Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que «oferece a sua vida como sacrifício de expiação», «ao carregar com o pecado das multidões», «que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas»<sup>44</sup>. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados<sup>45</sup>.
- 616** É o «amor até ao fim»<sup>46</sup> que confere ao sacrifício de Cristo o valor de redenção e reparação, de expiação e satisfação. Ele conheceu-nos e amou-nos todos no oferecimento da sua vida<sup>47</sup>. «O amor de Cristo nos pressiona, ao pensarmos que um só morreu por todos e que todos, portanto, morreram» (*2 Cor* 5, 14). Nenhum homem, ainda que fosse o mais santo, estava em condições de tomar sobre si os pecados de todos os homens e de se oferecer em sacrifício por todos. A existência, em Cristo, da pessoa divina do Filho, que ultrapassa e ao mesmo tempo abrange todas as pessoas humanas e O constitui cabeça de toda a humanidade, é que torna possível o seu sacrifício redentor *por todos*.
- 617** «*Sua sanctissima passione in ligno crucis nobis justificationem meruit* – Pela sua santíssima paixão no madeiro da cruz, Ele mereceu-nos a justificação» – ensina o Concílio de Trento<sup>48</sup>, sublinhando o carácter único do sacrifício de Cristo como «princípio de salvação eterna»<sup>49</sup>. E a Igreja venera a Cruz cantando: «*O crux, ave, spes unica!* – Avé, ó cruz, esperança única!»<sup>50</sup>.
- 618** A cruz é o único sacrifício de Cristo, «mediador único entre Deus e os homens»<sup>51</sup>. Mas porque, na sua pessoa divina encarnada, «Ele Se uniu, de certo modo, a cada homem»<sup>52</sup>, «a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal, por um modo só de Deus conhecido»<sup>53</sup>. Convida os discípulos a «tomarem a sua cruz e a segui-Lo»<sup>54</sup> porque «sofreu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigamos os seus passos»<sup>55</sup>. De facto, quer associar ao seu sacrifício redentor aqueles mesmos que são os primeiros beneficiários<sup>56</sup>. Isto

<sup>40</sup> Cf. *1 Jo* 4, 10.

<sup>41</sup> Cf. *Jo* 15, 13.

<sup>42</sup> Cf. *Jo* 10, 17-18.

<sup>43</sup> Cf. *Heb* 9, 14.

<sup>44</sup> Cf. *Is* 53, 10-12.

<sup>45</sup> Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

<sup>46</sup> Cf. *Jo* 13, 1.

<sup>47</sup> Cf. *Gl* 2, 20; *Ef* 5, 2.25.

<sup>48</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 1: DS 1529.

<sup>49</sup> Cf. *Heb* 5, 9.

<sup>50</sup> Aditamento litúrgico ao Hino «*Vexilla Regis*»: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 2 (Typis Polyglottis Vaticanis 1974) p. 313; v. 4, p. 1129 [a versão litúrgica em português difere um pouco: «Cruz do Senhor, és única esperança!»: *Liturgia das Horas*, v. 2 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 366; v. 4, p. 1267].

<sup>51</sup> Cf. *1 Tm* 2, 5.

<sup>52</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

<sup>53</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1043.

<sup>54</sup> Cf. *Mt* 16, 24.

<sup>55</sup> Cf. *1 Pe* 2, 21.

<sup>56</sup> Cf. *Mc* 10, 39; *Jo* 21, 18-19; *Cf* 1, 24.

realiza-se, em sumo grau, em sua Mãe, associada, mais intimamente do que ninguém, ao mistério do seu sofrimento redentor<sup>57</sup>:

«Fora da cruz, não há outra escada por onde se suba ao céu»<sup>58</sup>.

**1992** A justificação foi-nos *merecida pela paixão de Cristo*, que na cruz Se ofereceu como hóstia viva, santa e agradável a Deus, e cujo sangue se tornou instrumento de propiciação pelos pecados de todos os homens. A justificação é concedida pelo Baptismo, sacramento da fé. Conformamos-nos com a justiça de Deus que nos torna interiormente justos pelo poder da sua misericórdia. E tem por fim a glória de Deus e de Cristo, e o dom da vida eterna<sup>59</sup>;

«Mas agora, foi sem a Lei que se manifestou a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos Profetas: a justiça que vem para todos os crentes, mediante a fé em Jesus Cristo. É que não há diferença alguma: todos pecaram e estão privados da glória de Deus. Sem o merecerem, são justificados pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus. Deus ofereceu-o para, nele, pelo seu sangue, se realizar a expiação que actua mediante a fé; foi assim que Ele mostrou a sua justiça, ao perdoar os pecados cometidos outrora, no tempo da divina paciência. Deus mostra assim a sua justiça no tempo presente, porque Ele é justo e justifica quem tem fé em Jesus» (*Rm* 3, 21-26).

#### **CIC 612, 2606, 2741: a oração de Jesus**

**612** O cálice da Nova Aliança, que Jesus antecipou na Ceia, oferecendo-Se a Si mesmo<sup>60</sup>, é aceite seguidamente por Jesus, das mãos do Pai, na agonia no Getsémani<sup>61</sup>, fazendo-Se «obediente até à morte» (*Fl* 2, 8)<sup>62</sup>. Na sua oração, Jesus diz: «Meu Pai, se é possível, que se afaste de Mim este cálice [...]» (*Mt* 26, 39). Exprime desse modo o horror que a morte representa para a sua natureza humana. Com efeito, esta, como a nossa, está destinada à vida eterna. Mas, diferentemente da nossa, é perfeitamente isenta do pecado<sup>63</sup> que causa a morte<sup>64</sup>. E, sobretudo, é assumida pela pessoa divina do «Príncipe da Vida»<sup>65</sup>, do «Vivente»<sup>66</sup>. Aceitando, com a sua vontade humana, que se faça a vontade do Pai<sup>67</sup>, aceita a sua morte enquanto redentora, para «suportar os nossos pecados no seu corpo, no madeiro da cruz» (*1 Pe* 2, 24).

**2606** Todas as desolações da humanidade de todos os tempos, escrava do pecado e da morte, todas as súplicas e intercessões da história da salvação estão reunidas neste brado do Verbo encarnado. E eis que o Pai as acolhe e as atende, para além de toda a esperança, ao ressuscitar o seu Filho. Assim se cumpre e se consuma o drama da oração na economia da criação e da salvação. Dele nos dá o Saltério

<sup>57</sup> Cf. *Lc* 2, 35.

<sup>58</sup> SANTA ROSA DE LIMA: P. HANSEN, *Vita mirabilis [...] venerabilis sororis Rosae de sancta Maria Limensis* (Romae 1664), p. 137.

<sup>59</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

<sup>60</sup> Cf. *Lc* 22, 20.

<sup>61</sup> Cf. *Mt* 26, 42.

<sup>62</sup> Cf. *Heb* 5, 7-8.

<sup>63</sup> Cf. *Heb* 4, 15.

<sup>64</sup> Cf. *Rm* 5, 12.

<sup>65</sup> Cf. *Act* 3, 15.

<sup>66</sup> Cf. *Ap* 1, 18; *Jo* 1, 4; 5, 26.

<sup>67</sup> Cf. *Mt* 26, 42.

a chave em Cristo. É no «hoje» da ressurreição que o Pai diz: «Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei. *Pede-Me*, e Te *darei* as nações por herança e os confins da terra para teu domínio!» (Sl 2, 7-8)<sup>68</sup>.

A Epístola aos Hebreus exprime em termos dramáticos como é que a oração de Jesus realiza a vitória da salvação: «Nos dias da sua vida mortal, Cristo dirigiu preces e súplicas, com um forte brado e com lágrimas, Àquele que O podia livrar da morte e, por causa da sua piedade, foi atendido. Apesar de ser Filho, aprendeu, de quanto sofreu, o que é obedecer. E quando atingiu a sua plenitude, tornou-Se, para todos aqueles que Lhe obedecem, causa de salvação eterna» (Heb 5, 7-9).

**2741** Jesus também ora por nós, em nosso lugar e em nosso favor. Todos os nossos pedidos foram reunidos, de uma vez por todas, no seu brado sobre a cruz e atendidos pelo Pai na sua ressurreição; e é por isso que Ele não cessa de interceder por nós junto do Pai<sup>69</sup>. Se a nossa oração estiver resolutamente unida à de Jesus na confiança e na audácia filial, obteremos tudo o que pedirmos em seu nome e muito mais do que isto ou aquilo: o próprio Espírito Santo que inclui todos os dons.

#### **CIC 467, 540, 1137: Cristo, o Sumo Sacerdote**

**467** Os monofisitas afirmavam que a natureza humana tinha deixado de existir, como tal, em Cristo, sendo assumida pela sua pessoa divina de Filho de Deus. Confrontando-se com esta heresia, o quarto Concílio ecuménico, em Calcedónia, no ano de 451, confessou:

«Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto duma alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, «semelhante a nós em tudo, menos no pecado»<sup>70</sup>: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase»<sup>71</sup>.

**540** A tentação de Jesus manifesta a maneira própria de o Filho de Deus ser Messias, ao contrário da que Lhe propõe Satanás e que os homens<sup>72</sup> desejam atribuir-Lhe. Foi por isso que Cristo venceu o Tentador, *por nós*: «Nós não temos um sumo-sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas; temos um, que possui a experiência de todas as provações, tal como nós, com excepção do pecado» (Heb 4, 15). Todos os anos, pelos quarenta dias da *Grande Quaresma*, a Igreja une-se ao mistério de Jesus no deserto.

<sup>68</sup> Cf. Act 13, 33.

<sup>69</sup> Cf. Heb 5, 7; 7, 25; 9, 24.

<sup>70</sup> Cf. Heb 4, 15.

<sup>71</sup> CONCÍLIO DE CALCEDÓNIA, *Symbolum*: DS 301-302.

<sup>72</sup> Cf. Mt 16, 21-23.

**1137** O Apocalipse de São João, lido na liturgia da Igreja, revela-nos, primeiramente, um trono preparado no céu, e Alguém sentado no trono<sup>73</sup>, «o Senhor Deus» (*Is* 6,1)<sup>74</sup>. Depois, o Cordeiro «imolado e de pé» (*Ap* 5, 6)<sup>75</sup>: Cristo crucificado e ressuscitado, o único Sumo-Sacerdote do verdadeiro santuário<sup>76</sup>, o mesmo «que oferece e é oferecido, que dá e é dado»<sup>77</sup>. Enfim, «o rio da Vida que corre do trono de Deus e do Cordeiro» (*Ap* 22, 1), um dos mais belos símbolos do Espírito Santo<sup>78</sup>.

### **CIC 2825: a obediência de Cristo e a nossa**

**2825** Jesus, «apesar de ser Filho, aprendeu, por aquilo que sofreu, o que é obedecer» (*Heb* 5, 8). Com quanto mais razão nós, criaturas e pecadores, que n'Ele nos tornamos filhos de adoção! Nós pedimos ao nosso Pai que una a nossa vontade à do seu Filho para que se cumpra a vontade d'Ele, o seu plano de salvação para a vida do mundo. Somos radicalmente impotentes para tal, mas unidos a Jesus e com o poder do seu Espírito Santo, podemos entregar-Lhe a nossa vontade e decidir escolher o que o seu Filho sempre escolheu: fazer o que é do agrado do Pai<sup>79</sup>:

«Aderindo a Cristo, podemos tornar-nos um só espírito com Ele e assim cumprir a sua vontade; desse modo, ela será feita na terra como no céu»<sup>80</sup>.

«Considerai como Jesus Cristo nos ensina a ser humildes, fazendo-nos ver que a nossa virtude não depende só do nosso trabalho, mas da graça de Deus. Aqui, Ele ordena a todo o fiel que ora a fazê-lo de modo universal, por toda a terra. Porque não diz “seja feita a vossa vontade” em mim ou em vós, mas “em toda a terra”: para que dela seja banido o erro e nela reine a verdade, o vício seja destruído e a virtude refloraça, e para que a terra deixe de ser diferente do céu»<sup>81</sup>.

<sup>73</sup> Cf. *Ap* 4, 2.

<sup>74</sup> Cf. *Ez* 1, 26-28.

<sup>75</sup> Cf. *Jo* 1, 29.

<sup>76</sup> Cf. *Heb* 4, 14-15; 10, 19-21; etc.

<sup>77</sup> *Liturgia Bizantina, Anáfora de São João Crisóstomo*: F. E. BRIGHTMAN, *Liturgies Eastern and Western* (Oxford 1896) p. 378 (PG 63, 913).

<sup>78</sup> Cf. *Jo* 4, 10-14; *Ap* 21, 6.

<sup>79</sup> Cf. *Jo* 8, 29.

<sup>80</sup> ORÍGENES, *De oratione*, 26, 3: GCS 3, 361 (PG 11, 501).

<sup>81</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaicum homilia* 19, 5: PG 57, 280.